



ESCOLA ITINERANTE: UMA ANÁLISE PARA ALÉM DA SALA DE AULA

Prof.^a Dra. Irizelda Martins de Souza e Silva – UEM

Caroline Mari de Oliveira – UEM

Kethlen Leite de Moura – UEM

Thaís Godoi de Souza – UEM

Agência Financiadora: CAPES

Resumo: O presente estudo analisa as políticas educacionais e as formas de gestão educativa do e no campo. Em visita à Escola Itinerante Carlos Marighella no Acampamento Elias Gonçalves de Meura, em Planaltina do Paraná/PR, observamos as metas, objetivos e conteúdos estabelecidos para que o educando tenha uma aprendizagem que leve a promoção e não ao fracasso do sujeito. A observação foi elaborada a partir de pesquisa bibliográfica e documental sobre Educação do Campo. Para entender a práxis da escola itinerante, é necessário contextualizá-la à criação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), como uma organização coletiva e institucional que luta por um projeto de desenvolvimento do campo, o qual inclui na pauta de lutas sociais articuladas à Reforma Agrária a Educação do e no Campo. Nesse contexto, surgem as Escolas Itinerantes, sendo oficializadas em 1996 com amparo legal do Conselho Estadual de Educação e respaldada na Pedagogia do MST. A Escola Itinerante possui objetivos bem definidos e uma pedagogia que prepara criticamente os educandos para emancipação humana como objetivo para superação da sociedade capitalista.

Palavras-chave: Escola Itinerante. Educação do e no Campo. Políticas Educacionais.

Introdução

A luta pela terra fazia com que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), compreendesse que a terra lhes possibilitaria a produção e o trabalho para a sua sobrevivência, mas faltava-lhes algo fundamental: a educação. Destarte, a educação tornou-se prioridade do MST, assim, nasce a Escola Itinerante das necessidades e da luta dos acampados por direitos sociais do campo.

Sua gênese pauta-se em uma proposta pedagógica que atenda às crianças, aos adolescentes e aos jovens e adultos dos acampamentos. A Escola Itinerante do MST visa romper com o arcabouço da escola liberal, confrontando com o capital empresarial latifundiário. O caminho traçado pela Escola Itinerante, enraizada pelo MST, é a luta pela construção de uma sociedade não mais explorada pelo capital, mas uma educação empenhada

em transformar o trabalhador em agente político, que pensa, age e utiliza da palavra como arma para transformar o mundo (MÉSZÁROS, 2008).

A escola itinerante Carlos Marighella localizada na região noroeste do Estado do Paraná, no município de Planaltina, está inserida no Acampamento Elias Gonçalves de Meura. O nome da escola, Carlos Mariguella, foi em homenagem ao militante revolucionário brasileiro, nascido em Salvador/BA, que militou no Partido Comunista Brasileiro (PCB) e fundou a Ação Libertadora Nacional (ALN). Carlos Marighella entrou para a luta ainda jovem, foi torturado e preso, diversas vezes, a mando dos governantes conservadores durante as décadas de 1930 a 1960 (FERNANDES, 1984). Nos anos de 1950 voltou suas reflexões ao problema agrário e redigiu o ensaio, “*Alguns aspectos da renda da terra no Brasil*”, 1958.

O nome do referido acampamento Elias Gonçalves de Meura, derivou de um jovem militante do MST, assassinado em 2004 na ocupação da fazenda Santa Filomena, local onde está situado o acampamento. Essa fazenda com aproximadamente, 800 alqueires, foi declarada pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), em 1997, como propriedade improdutiva (FREITAS; KNOPF, 2008). No período da ocupação, o acampamento chegou a concentrar 300 famílias, mas no decorrer dos anos, muitas foram para outros acampamentos e algumas desistiram da luta.

Conforme Freitas e Knopf (2008) uma das demandas do acampamento, desde sua criação, foi a educação. O principal objetivo da Escola Itinerante é discutir a experiência dos acampamentos aliado a prática pedagógica, articulando uma “[...] escola segundo os interesses da classe trabalhadora do campo, nos limites das contradições da época” (FREITAS, 2009, p. 13). A luta da Escola Itinerante é resistir aos ditames do capital e pressionar as Secretarias de Educação para constituírem uma escola que respeite a vida dos acampados, organizada em ciclos de formação humana, sendo construída em conjunto com o MST.

A Escola Itinerante existe por haver uma contradição na sociedade, problema social de concentração dos meios de produção e do saber. O que garante a Escola Itinerante não são as políticas públicas. A EI é vulnerável à correlação de forças, depende da força popular. No momento em que pararmos de lutar de forma organizada, corremos o risco de a escola sofrer as consequências. Porém, precisamos ver legalmente como garantir que o poder público responda às necessidades da Escola Itinerante (MST, 2007, p. 5).

Mesmo sob uma lona preta, a ação pedagógica cresce intrínseca às contradições da sociedade capitalista. A oposição entre a sociedade capitalista e a força de crianças, jovens e

adultos do MST objetivados a formar militantes que lutem por direitos expropriados como a terra negada, buscando constituir suas vidas em função dos interesses da classe trabalhadora do campo (CAMINI, 2009).

Materiais e Métodos

A observação da Escola Itinerante Carlos Marighella no Acampamento Elias Gonçalves de Meura, em Planaltina do Paraná/PR, foi realizada a partir de discussões na disciplina de Tópicos Especiais em Educação: Políticas e Gestão da Educação do e no Campo no Brasil do Programa de Pós Graduação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). À luz do referencial bibliográfico e documental da Educação do Campo elaboramos um roteiro coletivo, com indagações acerca da práxis da escola e da comunidade visitada. A visita e o relato de experiência vivenciado no campo de observação contemplaram questões como: documentação da Escola Itinerante e dos alunos por meio do acompanhamento da Escola-Base: “Colégio Estadual Iraci Salete Strozak”, formação de professores, metodologia de trabalho, organização curricular avaliações e proposta pedagógica. Além desses aspectos foi observada a estrutura física e pedagógica da Escola (direção, cozinha, salas de aula livros didáticos e entre outros).

Resultados e Discussão

A Escola Itinerante remete-se à criação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em 1984, como uma organização coletiva e institucional que luta por um projeto de desenvolvimento do campo, o qual inclui na pauta de lutas sociais articuladas à Reforma Agrária a Educação do e no Campo. Nesse contexto, surgiu as Escolas Itinerantes, sendo oficializadas em 1996 com amparo legal do Conselho Estadual de Educação e respaldada na Pedagogia do MST.

A Educação do e no Campo constitui-se das lutas e experiências dos sujeitos que vivem no campo. Questionando a ausência de políticas públicas, que tornam a educação inferiorizada e empobrecida. É nesse sentido que a Educação do e no Campo assume sua identidade, atrelando suas lutas ao debate sobre o campo no desenvolvimento, na luta pela terra, no trabalho e pela Reforma Agrária (SCHWENDLER, 2005).

Constatamos, que a luta pela Escola Itinerante legalizada no Paraná, ocorreu por meio da luta entre o MST e a Secretaria de Estado de Educação do Paraná no ano de 2003.

Momento em que o MST reuniu mais de 13 mil famílias acampadas, cujo, os filhos estavam privados de escolarização (MST, 2008).

A Escola Itinerante tornou-se experiência de suma importância podendo subsidiar exemplo para outras escolas do campo no Brasil. A Escola Itinerante foi pensada como organização escolar que viabiliza aos povos do campo uma educação voltada a sua produção cultural, realidade e território camponês. A proposta de Educação do e no Campo do MST valoriza o diálogo e a problematização da conjuntura política, econômica, social e educacional na elaboração dos princípios pedagógicos com base na prática social dos sujeitos e o fortalecimento da identidade sem-terra.

Observamos e apreendemos que a Escola Itinerante possui seu currículo organizado em ciclos de formação humana, buscando contrariar a lógica escolar excludente da seriação, pautando a organização do trabalho pedagógico numa perspectiva emancipatória. Os ciclos de formação humana fundamentam-se no processo de desenvolvimento humano em sua temporalidade.

Os ciclos na Escola Itinerante tem um processo de organizar as relações que devem ser ampliadas e aprofundadas sendo de sujeito para sujeito e de ciclo para ciclo, indo além da prática de reprovação. Os métodos avaliativos são sistemáticos e coerentes: critérios e instrumentos de avaliação, conselho de classe participativo, pasta de acompanhamento, caderno de avaliações, pareceres descritivos, agrupamento e reagrupamento, classe intermediária.

Portanto, o trabalho pedagógico da Escola Itinerante volta-se para o referencial de Educação do e no Campo, empregando conteúdos curriculares, metodologias com organização escolar própria, apropriando-se à natureza do trabalhador camponês. A Escola Itinerante é um exemplo de resistência às transformações capitalistas no campo brasileiro, pois parte de um ideal de que a educação acontece para além dos muros da escola e para além do capital.

Conclusão

A Escola Itinerante possui seus objetivos bem definidos e uma pedagogia que prepara criticamente os educandos para o convívio nos acampamentos sabendo o valor do partilhar, da vida com responsabilidades e do papel do cidadão. Nos ciclos de formação humana os educandos aprendem a história das lutas daqueles que se sacrificaram contra as injustiças e desigualdades sociais geradas pela lógica capitalista, sendo uma das consequências: a perda

da terra. A Escola Itinerante é um exemplo de resistência. Apesar dos avanços não acontecerem de forma rápida, cada conquista é comemorada por todos que partilham do mesmo ideal, principalmente o ideal de que a educação acontece onde o ser humano está para além das estruturas físicas de uma escola. Dessa forma a educação acompanha o ser social e com ele obtém significado.

Esquema do Pôster: o pôster irá conter uma foto como plano de fundo.

Referências:

CAMINI, Isabela. **Escola Itinerante:** na fronteira de uma nova escola. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

FERNANDES, Florestan. **Carlos Mariguella:** a chama que não se apaga. Folha de São Paulo, 1984. Disponível em: < <http://www.carlos.marighella.nom.br/sobre.htm> >. Acesso em: 05 mar. 2012.

FREITAS, Luiz Carlos de. Prefácio. In: CAMINI, Isabela. **Escola Itinerante:** uma fronteira de uma nova escola. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 13-15.

FREITAS, Cyntia Ariadyne R. de.; KNOFF, Jurema de Fátima. Escola Itinerante Carlos Mariguella: Uma construção coletiva. In: SEED. **Itinerante:** A Escola do Sem Terra – trajetórias e significados. Secretaria de Estado da Educação-SEED/PR. Departamento da Diversidade-Coordenação da Educação do Campo, 2008.

MÉSZÁROS, Isteván. **A educação para além do capital.** 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Relatório de avaliação de três anos da escola itinerante no Estado do Paraná.** Curitiba, 2007.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Escola itinerante do MST:** história, projeto e experiências. Cadernos da Escola Itinerante do MST, Curitiba, v. 8, n.2, 2008.

SCHWENDLER, Sônia Fátima. Principais Problemas da educação do Campo no Brasil e no Paraná. In: SEED. **Cadernos Temáticos:** educação do campo. Secretaria de Estado da Educação-SEED/PR. Superintendência da Educação. Departamento de Ensino Fundamental. Curitiba: SEED, PR, 2005. p. 35-46.

